

MULHERES E LUGARES URBANOS: entrevista com Thaise Machado

Shirley Terra Lara dos Santos ¹
Bárbara Hypolito ²

Apresentação

Thaise é arquiteta e urbanista (Uniritter/RS), desenvolve projetops com viés social com clientes de classe baixa e média. Tem como foco desestigmatizar e horizontalizar o acesso ao conhecimento à arquitetura. Em 2014, recebeu o Prêmio *Concurso Nacional de Ideias para Reforma Urbana*. Atua também como produtora cultural no IAB/RS, relacionando sociedade, raça e gênero. Empresária, cocriadora e produtora cultural na empresa *Três Tons Produtora*. Diretora de arte no Curta *Quero ir para Los Angeles* e uma das ativadoras culturais do *Segunda Negra*, em Porto Alegre/RS. Idealizadora dos projetos *Negra Ativa* e *Festival de Porongos*.

Entrevistada

Thaise de Oliveira Machado

Entrevistadoras

Shirley Terra Lara dos Santos e Bárbara de Bárbara Hypolito

Roteiro

Marina Mecabô, Carolina Sebalhos e Shirley Terra Lara dos Santos

Revisão

Bárbara de Bárbara Hypolito

Shirley e Bárbara: Nos conta um pouco sobre o teu percurso, como te tornaste arquiteta?

Thaise: Thaise de Oliveira Machado, filha de Laura de Oliveira Machado, neta de Brasília de Oliveira Cazuzu e Maria Lopes Machado, bisneta de Venúncia Vieira Soares e Antonia Lopes. Nascida e criada até os 15 anos no Morro da Polícia, bairro 1o de Maio, Porto Alegre/RS. Estudei todo ensino fundamental e médio em escolas públicas, Escola Professor Oscar Pereira e Escola Odila Gay da Fonseca. Com formação em nível técnico na Escola Senador Ernesto Dornelles, curso de Design de Interiores. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Instituição Ritter dos Reis/Uniritter Laureate.

Em 2014, ainda na graduação, fui premiada no “Concurso Nacional de Ideias de Reforma Urbana” (CNI) organizado pela Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (FeNEA). Ao qual já era mobilizadora do movimento estudantil, levando delegações aos encontros de arquitetura, de modo a incentivar a discussão sobre o ensino e o futuro das nossas cidades. Posteriormente participei ativamente da Federação, como Diretora de Relações Externas e Diretora da Regional Sul, ao qual estive muito presente nos diálogos junto ao CAU/RS.

No meu Trabalho Final de Graduação, resgatei através do projeto, formas de inserção de cultura na comunidade onde cresci. Com um projeto denominado Centro Comunitário de Artes Integradas (CCAI), tinha como objetivo levar uma nova perspectiva de acesso aos moradores do Morro da Polícia. Um projeto que dialogava com a cultura, arquitetura e urbanismo.

Após sua formação, continuei trabalhando com a união da arquitetura e cultura. Atuei como, produtora cultural no IAB/RS. Relacionando sociedade, raça e gênero. Foi cocriadora e produtora cultural na empresa “Três Tons Produtora”. Diretora de arte no Curta “Quero ir para Los Angeles”, ao qual será exibido no Festival de Cinema de Gramado. Hoje sou uma das ativadoras culturais do “Segunda Negra”, em Porto Alegre/RS, um projeto que busca levar horizontalizar as artes. Idealizei os projetos “Negra Ativa”, que tem objetivo de narrar percepções de mulheres negras, e “Festival Porongos de Música e Arte Negra”. Hoje tenho um escritório de arquitetura e design, em sociedade como designer de interiores Thiarles Batista, o “IBOKUN Arquitetura Afro-brasileira”. Que tem como objetivo desenvolver projetos com viés social, com clientes de classe baixa e média, trazendo a cultura negra como matriz dos projetos. Tenho como foco desestigmatizar e horizontalizar o acesso e o conhecimento à arquitetura. Utilizando sempre a arquitetura e a cultura como uma ferramenta política.

Shirley e Bárbara:: Como é a tua atuação enquanto arquiteta e urbanista? Exerces outras atividades?

Thaise: Trabalho com arquitetura, num viés mais voltado para um público como eu. A ideia é pensar as dinâmicas da arquitetura para quem realmente precisa. Essa foi a minha crítica e a minha dor ao sair da faculdade, pois não conversava com quem realmente precisa do conhecimento de arquitetura e urbanismo. Estamos lidando com uma profissão que é tão bonita, mas que não cumpre com o seu papel social. Isso é muito triste! Foi a partir disso que eu comecei a perceber onde eu me enquadrava. Eu não tenho o perfil de arquiteta casa cor, se alguém tem, boa sorte! Pois é um ambiente muito tóxico, é lindo e esteticamente maravilhoso, mas é muito superficial, e à mim, com a bagagem que adquiri, não cabia e não me cabe até hoje. Então, fui descobrindo quem era, e qual seria o perfil dos meus clientes, e vi que eram pessoas próximas, sejam mulheres, LGBTQI ou negrxs. Isso foi surgindo, as pessoas vieram até mim, comecei a notar que as pessoas procuram os seus similares.

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU). Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2017). E-mail: ssantosufpel@gmail.com.

² Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional, Linha de Pesquisa Cidade, Cultura e Política, PRO-PUR/UFRGS.

A produção cultural também é uma das minhas atividades profissionais, lá consigo aplicar muito do conhecimento que adquiri na arquitetura, como o planejamento, que é fundamental para a realização de projetos culturais. As minhas produções são voltadas, majoritariamente, para o movimento negro, porque necessitamos discutir arte também, produzimos muita cultura e por vezes não temos os devidos lugares para nos expressarmos da maneira que gostaríamos e compartilhar o conhecimento que carregamos.

Acredito que essas duas esferas complementam. A partir dessa unificação de produção cultural e arquitetura, comecei a trabalhar também com cenografia e expografia, fazendo com que eu esteja imersa dentro da arte e da arquitetura. Cada dia é uma perspectiva nova, não me prendo a trabalhar em uma única atividade especificamente, sou muito diversa e acredito que consiga desempenhar com maestria todas as atividades que eu me proponho a fazer.

Shirley e Bárbara:: E sobre a atuação das mulheres no campo da arquitetura e urbanismo? E acerca das mulheres negras nas dinâmicas da cidade?

Thaise: As mulheres são maioria dentro das FAU's. Mas com muita dificuldade, percebemos pouquíssimas mulheres sendo as porta vozes em órgãos competentes como o CAU, o IAB, FENEA, SAERGS, etc. Quantas mulheres estão em cargos de poder? Quantas mulheres ascendem profissionalmente? Precisamos rever essas números urgentemente. Pensando nas dinâmicas da cidade, é importantíssimo saber quem de fato desbrava as áreas das cidades. Ter consciência de que mulheres negras saem de suas casas, para trabalhar em outros bairros, utilizam muito os transportes públicos, às vezes mais de um para fazer esse deslocamento, várias horas perdidas dentro de um ônibus. O cansaço é enorme e quando chega o fim de semana o desejo é de apenas ficar em seus bairros que, por vezes, não possui equipamentos públicos de entretenimento. Fazendo com que a lógica de gentrificação persista.

Shirley e Bárbara: E nesse momento político do Brasil, como tu vêes que a luta deve se dar?

Thaise: Estamos em um momento político muito delicado, onde necessitamos renovar as nossas estratégias de combate contra um governo fascista. Precisamos ser muito inteligentes e calmos. A escuta entre nós é uma ferramenta essencial neste período sombrio. E aqueles que possuem o poder de fala, precisam estar bem receptivo para poder ser assertivo nos momentos decisivos. A arte é um belo exemplo, como sempre, vem cumprindo esse papel de apontar as deficiências políticas/sociais que nos perpassam. Façamos como os artistas, nos coloquemos como ferramentas também de posicionamento político. No momento que entendermos que a nossa profissão é política, um mundo novo se abre e não tem como voltar atrás.

Shirley e Bárbara: Pensando o ensino de projeto dentro das nossas escolas de arquitetura e urbanismo brasileiras, como tu vêes a relação entre a prática profissional e o direito à cidade?

Thaise: É importante pensar na estrutura de ensino da arquitetura. Precisamos repaginar conceitos! Começando pelos professores, que estejam dispostos a passar o conhecimento de forma acessível, desenvolver projetos que conversem com a realidade do nosso território e sociedade. Na graduação, trabalhei em inúmeros projetos dos quais não instigava o pensar sobre resoluções de problemas da nossa realidade, como brasileiros de um país subdesenvolvido. A nossa instrução é muito superficial, não conversamos com outros campos de conhecimento. Isso é importante, sair da arquitetura para conhecer outras pessoas e outros profissionais - cientista

social, geólogo, geógrafo, antropólogo, etc - entender que eles também fazem parte dessa construção de cidade e que possuem muito conhecimento para agregar, para que possamos construir cidades mais justas. Do contrário, fica cada um no seu campo de conhecimento e não se somam, não há troca de saberes. Acho isso bem problemático.

O que venho problematizar, então, é justamente essa leitura de cidade e dos corpos. Pensar sobre o que a gente pode fazer para incluir essas pessoas que estão fora, na periferia, para esses meios urbanos, para que eles não se sintam excluídos. Visto que as pessoas de periferia evitam alguns espaços por receio também, então é importante a gente disponibilizar espaços acolhedores para todos.

Shirley e Bárbara:: Quais barreiras tu ainda percebes dentro do ensino de arquitetura e urbanismo que impedem a construção de um novo pensamento anti racista?

Thaise: Podemos começar analisando a estrutura de ensino arcaica que é replicada nas FAUS até hoje, o ensino voltado apenas para o eurocentrismo. A falta de olhar crítico sobre essas construções coloniais, sobre as resultantes do período escravocrata e as resoluções arquitetônicas criadas a partir deste período. Como por exemplo as senzalas, quartos de empregadas, elevadores de serviço, a gentrificação urbana numa escala macro, entre tantas outras formas que foram aplicadas de forma a consolidar o racismo estrutural. Mas, acredito que seja possível construir cenas mais favoráveis a nossa construção acadêmica, pensando numa formação anti racista. Projetar outras perspectivas de mudanças. Isso primeiramente começa pelos indivíduos que estão com o poder de fala, uma análise de onde o nosso corpo está inserido, seja ele negro/índigena ou não. Dos privilégios ou não privilégios que nos cercam. Pois a estrutura social é formada por pessoas, não tendo essa noção de mudança interior, fica muito difícil pensar numa sociedade igualitária, quando não sabemos qual papel exercemos, pois sendo assim, fica muito mais difícil compreender a vivência do próximo. Tendo esses primeiros passos dados, podemos então pensar de fato, no papel social que a arquitetura exerce, e como utilizar da melhor forma todas essas ferramentas adquiridas na academia. A arquitetura precisa dialogar com quem realmente necessita dela.

Shirley e Bárbara: Numa das tuas falas para o site “cada minuto”* tu citas a emergência da criação de lugares urbanos acolhedores, como seriam esses lugares?

Thaise: Acredito que muito da minha fala na resposta anterior possa complementar esta pergunta. Partindo do pressuposto de que as pessoas já fizeram essa auto análise, de qual espaço ocupam e projetando empatia pelas construções sociais dos outros indivíduos. Creio que o acolhimento urbano é um reflexo disto. Você só vai a locais onde se sente bem, não é? Entretanto, em alguns lugares, corpos não-padrões não são aceitos, sejam pela tonalidade de cor da pele, pela vestimenta, por um determinado penteado, etc. Isso é uma barreira.

Precisamos compreender que espaço urbano são representações de seus usuários, consequentemente, nos dando a permissividade de quem pode ou não ocupar esses espaços. Contudo, volto a dizer, precisamos nos auto analisar, perceber que carregamos muitos preconceitos e tentar desconstruí-los. Para então, podermos projetar espaços urbanos acolhedores, isso pensando num âmbito de construção social. Conjuntamente iremos aplicar soluções projetuais mais técnicas, mas isso será apenas uma resultante.

Shirley e Bárbara: Como tu acreditas que a cultura da periferia pode revolucionar e avançar com o pensamento urbano hoje?

Thaise: A cultura da periferia sempre revolucionou e sempre avança. Desde sempre a periferia foi um laboratório criativo, seja pelas relações afetivas, culturais ou de empreendimentos. A periferia tem linguagem própria, identidade e muita perseverança. Coworking na comunidade teve desde sempre, foodtruck sempre teve, coliving são o reflexo de várias famílias morando no mesmo terreno. A sociedade tem problema de identificar as criações periféricas. Quer inovação? É só olhar para as comunidades.

Shirley e Bárbara: Como tu vêes a autoproclamação de várias jovens enquanto feministas e suas reivindicações que emergem nas salas de aula durante a graduação? Algumas delas chegam a relacionar-se com os movimentos sociais e lutas de ruas, outras escolhem debruçar-se nas teorias e epistemologia feminista. Qual a tua percepção dessa realidade durante os últimos anos?

Vejo com bastante respeito essas inclinações políticas. Eu enquanto acadêmica me via como feminista negra, hoje não me sinto confortável em me intitular feminista. Acredito que apenas a denominação de mulher negra, fala muito mais de mim e das minhas iguais. Acho válida toda forma de conhecimento, nos ajuda a construir nossa ideologia. Porém, sou entusiasta das pessoas que conseguem compartilhar esse conhecimento para pessoas fora da academia. Vejo com certo estranhamento pessoas que apenas buscam o título de intelectual e não buscam partilhar essas percepções com quem realmente necessita dessas informações.

Pixo: Hoje és uma referência como mulher, negra, arquiteta e urbanista, o que tu queres dizer para as gurias que estão na universidade e que ainda não se vêem representadas no cotidiano do ensino e na prática da profissão?

Penso que cada pessoa possui o seu tempo, seja ele de formação acadêmica ou não. Nós como mulheres negras, por muitas vezes ficamos muito ansiosas por estarmos “atrasadas” em relação aos nossos colegas brancos. Temos que ter a ciência, de que existe um sistema que como objetivo não nos deixar evoluir e crescer. Precisamos ter perseverança e calma! Existiram tantas outras mulheres, que lutaram tanto para que pudéssemos estar onde estamos hoje. Estamos no nosso melhor momento, muitas barreiras já foram derrubadas para que pudéssemos chegar até aqui. Nosso papel é abrir trincheiras para as próximas e assim consequentemente, até conseguirmos colocarmos todas e todos no mesmo patamar e viver de igual para igual. Mas enquanto isso, terá muita luta, algumas dores e várias conquistas.